

2ª EDIÇÃO

A N U V E M COR-DE-ROSA

escreveu Arsênio Mota

ilustrou Júlio Resende



EDIÇÕES ASA



Coordenação de
Ilse Losa

bibRIA

bibRIA



EDIÇÕES ASA

Sede

R. Mártires da Liberdade, 77/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX
Telefs. 2002279-70/2014183/2014672/Telex 24389 P/Telefax 2013808

Delegação

Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110 (Chelas/Olivais)/1900 LISBOA
Telefs. 8596176/8596251/8596276/Telex 64894 P/Telefax 8597247

Livraria ASA Papelaria

R. de Avis, 9-R. da Fábrica, 74/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX/Telef. 2007725

Livraria ASA Infantil e Juvenil

R. Galeria de Paris, 118/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX/Telef. 2080513

Livraria ASA Material Didáctico

R. Cândido dos Reis, 137/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX/Telef. 2014884

A N U V E M COR-DE-ROSA

escreveu Arsênio Mota
ilustrou Júlio Resende
2ª Edição



EDIÇÕES ASA
-9 MAR 99 000453



BIBLIOTECA
MUNICIPAL
DE OLIVEIRA
DO BAIRRO

SECÇÃO INFANTIL

A N U V E M
COR-DE-ROSA

bibRIA

DO BAIKO
KOLING
MILITIA
COR-DE-ROSA

O HOMEM DOS BALÕES

Era um homem que a todos surpreendia com um talento especial. O seu coração bom, a pulsar, aquecia por debaixo da pele e fazia crescer uma bolha. E ele, descobrindo o peito queimado, arrancava de si aquela bolha, enchia-a com o seu hálito como se fosse um balão e pelo ar a despedia, levando dentro palavras de Amizade.

Depois o homem fazia mais força, o seu peito aquecia até brilhar como a estrela ou a fogueira, e outra bolha, maior, começava ali a crescer num pedaço da sua pele. E esse novo balão, cheio com o seu hálito, ele o arrancava de si para o soltar, levando dentro palavras de Amor.

Ao homem muito aquilo lhe doía, mas não podia fazer mais nada. Punha-se a pensar e logo na cabeça lhe nascia uma bolha, balão levezinho que ele arrancava de si; enchia-o com o seu hálito e deixava-o correr pelo vento, levando palavras de Paz.

Depois, estendendo os braços, o homem dos balões mostrava que era de mãos abertas a única maneira de nelas ter o mundo. E as suas mãos cresciam, cresciam sem parar, transformavam-se em bolhas de pele fina e luzidia, enchia-as com o seu hálito, arrancava-as de si e pelo ar as despedia, levando dentro a Liberdade.

O homem via com ternura as crianças, as flores, as aves, os peixes, os ribeiros, as árvores, tantas maravilhas espalhadas pelo mundo. Enchiam-se de luz os seus olhos a crescerem como sóis, aqueciam até formarem, a esquentar, mais bolhas de pele. E quando de si as tirava, eram os seus olhos que via feitos balão, onde, com o seu hálito, punha a voar a Poesia.

Chamavam Poeta ao homem dos balões, e também mago, e também sábio. Os balões saíam-lhe do corpo como as maçãs saem da macieira (só que a fruta madura cai no chão e aqueles balões partiam em viagem pelo ar) e ele dizia: quantos mais tirava de si, mais tinha para dar ao vento.

O Poeta vivia no centro do mundo, onde sopram ventos cruzados nas quatro direcções cardeais. E os ventos empurravam os balões da sua pele em todas as direcções, até ao mais remoto canto da Terra. Aqueles que dentro levavam Amor amontoavam-se, inúteis, no último canto de um canto; os que levavam Paz, e Liberdade, e Poesia, também faziam monte nos cantos dos outros cantos.

Mas eram em tão grande quantidade os balões amontoados que o vento neles esbarrou e de novo os soltou. Alguns tocaram em pessoas e rebentaram com alegria. E vejam: aqui já se forma uma bolha na pele deste corpo jovem: é o Amor a crescer em forma de balão. E ali é a Paz, acolá é a Liberdade, além é a Poesia. Os hálitos do Poeta, finalmente a espalharem-se, caem agora como sementes em terras novas fecundadas.



O MEL DO CORAÇÃO

Leonor ia triste pelo seu caminho. Queria mostrar que gostava de toda a gente sua conhecida e não sabia como fazer. Ela tinha grande o coração mas as pessoas não percebiam. Estranhavam? Por vezes nem a deixavam ser simpática. Pareciam não gostar que ela gostasse delas e todos andavam tristes.

Um dia, ao passar num sítio, viu um grupo de rapazes a fazerem pontaria com pedras aos vidros de uma casa em ruínas, no meio de um terreno cercado por um muro baixo. Não estava desabitada, disseram-lhe. Morava ali um homem sozinho, num aposento único no rés-do-chão.

O homem não abria a porta, sequer uma janela, porque sofrera um desgosto na vida e não queria ver nem falar com ninguém. Tinha perdido uma filha muito linda em tempos, ouvia-se dizer. Uma carta que o carteiro deixara para ele metida nuns ferros da porta ainda continuava por abrir, decorridos muitos anos. O homem só saía à noite para fazer

algumas compras de fugida. Um cão feroz acompanhava-o e ele, fechado no seu desgosto, metia-se logo em casa sem querer saber de nada. Por isso os rapazes, sem o conhecerem, se atreviam a atirar pedras aos restos de vidraças das suas janelas. Era difícil acertar-lhes, só com bastante pontaria, porque os bocados eram pequenos e os rapazes estavam à distância, apoiados no muro junto à estrada. Gritavam:

—Aparece, Tobias!—E não paravam de rir.

Leonor juntou-se a eles. Desesperada com a sua sorte, também atirou pedras à casa do homem que não gostava de ninguém nem lia uma carta que lhe tinham escrito. E, também a rir, gritou: “Aparece, Tobias!”

Achava graça ao nome daquele homem que nem *tu... vias*. Não se admirou, portanto, por ele não aparecer, mesmo zangado, e fugiu com os rapazes quando veio o cão feroz arreganhar os dentes, a ladrar, com a cabeça aos saltos, do outro lado do muro.

Foi-se embora mais triste. Aquele velho (devia ser já idoso) parecia que culpava toda a gente pelo seu desgosto e não tinha razão para isso.

Adiante encontrou uma casa aberta e lá dentro uma mulher com braços roliços abertos sobre a mesa, a sorrir com cara cheia. Leonor gostou dela e, convencida de que a mulher teria boa resposta para as suas dúvidas, perguntou-lhe:

—Porque não gostam as pessoas que eu goste delas?

—Elas não te deixam?

—É mais ou menos isso—concordou Leonor.

—Não tens pais, amigos?

—Não. Fiquei só no mundo.

A mulher veio até à porta e encarou Leonor de perto com um sorriso. Perguntou-lhe:

— Achas importante que todos gostem de ti como tu gostas?

— Claro! Quando gosto de alguém que também gosta de mim, sinto-me outra vez a nascer. Mas é tão difícil!...

Leonor contou-lhe o último caso, do homem que não chegara a conhecer porque fechava a porta a toda a gente. Então a mulher, em resposta, levou-a até à berma da estrada. Disse-lhe em despedida:

— Tens um grande coração, não há dúvida. Mas, sabes? Ainda não encontrei quem não goste que gostem de si. Precisamos é de ir bater à porta certa do coração de cada pessoa.

— Que porta certa tem o coração de cada pessoa?

A mulher passou a mão gorducha ao de leve pelos cabelos que desciam da cabeça para a testa de Leonor e, sorrindo mais, explicou:

— O coração tem *tantas* portas para abrir que ninguém conseguiu ainda contá-las todas. Às vezes basta pôr uma pessoa bem disposta para lhe chegar ao coração...

Partiu com estas palavras no pensamento. A mulher devia ter razão. O que faltava a muitas pessoas era boa disposição, vontade de rir. Às gargalhadas, não apetece ficar de coração fechado como aquela casa do homem em ruínas. A rir, toda a gente é simpática e amiga de toda a gente.

Como poderia ela divertir as pessoas tristes com a tristeza dos seus problemas? Não lhe seria isso tão difícil de conseguir como fazer as pessoas gostarem dela, menina de coração grande que gostava das pessoas?

Caminhou, pensativa, até que lhe apeteceu sentar-se junto de uma árvore, para descansar. Sonhou ali, ou esteve acordada? Leonor não saberia dizê-lo ao certo, mas julgou ouvir este diálogo da árvore com o vento:

—Vem a mim, vento, que te espero! Parada estou nas minhas raízes e tu chegas de longe para te refrescares nas minhas sombras. Graças a ti, querido vento, não preciso de me deslocar do sítio onde cresço. Trazes-me a nuvem e a chuva para a sede das minhas raízes, que têm de ir buscar fora daqui a água quando ela me falta. Trazes-me o movimento de que precisam os meus ramos, que são os meus braços, e trazes-me também pólenes das flores. Trazes-me até os pássaros que me enfeitam. És o meu amigo, vento!

—Deixa-me bailar em volta de ti, querida árvore, para melhor te abraçar. De longe, sim, e cansado venho. Como aprecio a verde frescura dos teus ramos! Aqui de regresso te encontro sempre, bem sei, à espera dos meus pólenes e, ai, como eu gosto de tos dar! Queres que dance com os teus ramos imóveis e num murmúrio lhes dê as notícias do mundo que percorri, empurrado por uma força desconhecida. Estou de volta, minha amiga! Sem ti seria violento furacão; contigo sou brisa doce como suspiro apaixonado...

Esta conversa deu a Leonor uma ideia e resolveu experimentá-la.

Tinha chegado a uma cidade onde o filho de um senhor parecia pronto para morrer. O senhor desesperava-se porque perdera sua mulher e agora estava em risco de perder o filho, uma desgraça em cima de outra desgraça. Os médicos já nada podiam fazer pelo rapaz quando Leonor se

ofereceu para o tratar. Na cama, o doente, muito magro e pálido, chorava sem parar sobre as almofadas, encharcando meia dúzia por dia. Mal viu e ouviu Leonor. Então ela aplicou-lhe o seu remédio: pôs-se a fazer-lhe cócegas, muitas cócegas. Queria diverti-lo, arrancá-lo ao desgosto, curá-lo. As cócegas espalharam-se pelo corpo débil em ondas quentes de alegria tão boas que deviam não mais acabar e o rapaz começou a rir. Mas, com tanto riso coceguento que o revolvía na cama, ele continuou a chorar. Enfim, o rapaz teve sempre lágrimas nos olhos, ora por causa do desgosto, ora por causa das cócegas e, com os esforços que fazia, cada vez mais se cansava.

Leonor desistiu, percebendo que as pessoas tanto podem chorar de tristeza como de alegria e que o choro pode tornar-se numa doença incurável. Partiu da cidade, chegou ao cimo de um monte e ali falou com um homem que tinha fama de sábio. Chamavam-lhe Castelão, embora não morasse em nenhum castelo, antes era num resto pobre de palácio ou convento.

—Mais do que gostar, simplesmente, é bom gostar de gostar—disse ele.

Era verdade, concluiu Leonor. Pouco a pouco, ela ia descobrindo que é fácil gostar de alguém que goste de nós, mas, de outra maneira, a dificuldade fica sem remédio. As pessoas gostam pouco de gostar. Têm de facto corações com muitas portas, só não manifestam grande vontade de as abrir, como se isso fosse um perigo ou algum sinal de fraqueza humana. Assim, o que era fácil ao coração tornava-se difícil na vontade—uma tristeza!

Talvez o melhor e o mais acertado fosse pedir às pessoas que se mostrassem mais inteligentes e não, já, que gostassem umas das outras...

No meio do monte apareceu-lhe um campo coberto de lindíssimas papoilas e umas flores amarelas que pareciam sininhos dispostos em ramos. Que maravilha!—extasiou-se Leonor.

Gostou tanto das flores do campo que não resistiu. Colheu um ramo e levou-o consigo. Mas as flores não gostaram do seu gesto porque murcharam num instante, com saudades da terra de onde tinham sido arrancadas, e ela teve de as deitar fora.

Sentada numa pedra, à beira de uma fonte, Leonor misturava a sua tristeza com o pão que comia. Um cão vagabundo apareceu e ficou a vê-la. Aproximou-se a medo, com receio de alguma pancada. Nem olhava a direito: de focinho baixo, fingia-se distraído. Então ela atirou-lhe um bocadito e o cão alegrou-se. Comeu-o e acenou, satisfeito, com o rabo. Pedia mais e ela ofereceu-lhe um bocado maior. Ficaram amigos inseparáveis.

—Como queres que te chame?—perguntou ela ao cão sem nome.

—Béu-béu—ladrou o animal; saltou-lhe para o regaço e lambeu-lhe a cara. Ter uma amiga deixava-o contentíssimo.

—Pronto, ficas a chamar-te Béu-béu—resolveu ela, também recomfortada com aquela amizade.

Porém, sentiu que, nas ideias, estava a regressar ao ponto de onde partira em viagem, carregando com o seu problema. Sentia-se mais esclarecida agora, mas pouco adiantara. Estava na mesma. Por coincidência, completava uma outra grande volta, pois regressou ao sítio onde morava o homem sozinho que fechava a porta a toda a gente.

A sua casa estava na maior ruína. Em volta, no terreno cercado pelo muro, apenas se viam pedras, telhas e vidros partidos, desolação. A carta que vira metida nos ferros da porta desaparecera, levada pelo vento. O velho cão já devia ter morrido. Era tamanha a tristeza, ali, que Bêu-bêu se pôs a ganir, inconsolável.

Leonor ficou a chorar, de olhos postos na casa onde o homem sem palavras vivia sozinho com o seu desgosto. E porque ele não mudava de vontade, ela continuou a chorar, apoiada no muro, sobre as pedras cruas daquela solidão.

Muito tempo decorreu e muitas lágrimas ela derramou, lamentando que as coisas tivessem de ser assim e não de melhor maneira—para aquele velho teimoso, para ela própria, para Bêu-bêu, para todos.

Uma noite, ao sair para fazer compras, o homem viu-se rodeado pela surpresa. Não menos surpreendido, o cão cheirava a novidade de ervas abundantes que tinham crescido de repente e agora recobriam o terreno de verdura, numa promessa de jardim. No dia seguinte, certamente, as pombas viriam de novo poisar no telhado da casa.

Então o homem sentiu quebrar-se-lhe no peito o rigor do sofrimento antigo. Estendeu a mão a Leonor e com ela aprendeu a gostar de gostar, compreendendo finalmente que o maior gosto da vida é o mel do coração.

A NUVEM COR-DE-ROSA

Uma manhã, aconteceu nos jardins do palácio esta coisa linda que vale a pena contar. Apareceu ali uma ave diferente de todas, poisada no chão entre as flores de um canteiro perfumado. Ninguém conhecia outra igual nem sabia de onde ela vinha, mas, se tivesse nome, devia chamar-se ave do paraíso, tão bonita era.

Apareceu simplesmente poisada no chão, perto da menina triste que suspirava e erguia os olhos para o alto, encostada na borda de um tanque de água onde se viam nenúfares floridos. A menina estava triste porque já não tinha mãe nem podia ter amigas, por vontade de uns homens que mandavam agora mais do que o seu pai, dono do palácio. Por isso ela brincava sozinha nos jardins, que eram a sua prisão, e por isso, em vez de brincar, chorava.

A linda ave talvez tivesse voado de algum ramo de árvore para o chão, por qualquer motivo, arriscando-se, porque, sendo tão bonita, podia ser caçada. Mas o mais certo seria que viesse a voar de longe, de outro país, rasgando os céus com as suas potentes asas; ao passar, deve ter visto aquela menina triste a olhar para o alto e, sem poder prosseguir, com pena dela, caiu a seus pés. Pelo menos, assim diz quem conta a história.

A menina não deu por nada. Via a água do tanque, arrepiada pelo vento leve que fazia ondear também as rendas e sedas do seu vestido, e ali deixava cair as lágrimas. Era como se chorasse sobre si mesma, feita outra pessoa, talvez a amiga que lhe faltava, pois a sua imagem se reflectia no espelho da água e acabava por ser outra, ela própria, no tanque, com sonhos a nadar dentro, que eram os peixes vermelhos.

Chamava-se Felisbela e ela não gostava do seu nome. Diziam-lhe que tinha sido dado por uma fada boa, sua madrinha, no dia em que nascera, mas a menina não acreditava. Não se achava especialmente bela e, por outro lado, não era feliz. Considerava até uma feia partida dar-se um nome daqueles a quem sofria uma sorte tão triste.

A ave aproximou-se então, e nós, que estamos aqui longe, podemos vê-la. Era uma especial mistura de pavão, águia real e galo de Barcelos, e logo apareceu uma grande nuvem cor-de-rosa que envolveu os jardins do palácio. Ninguém soube explicar aquela nuvem, mas, talvez por isso mesmo, algumas pessoas de pouca ciência disseram que a nuvem era encantada. Quando a ave do paraíso seguia em voo pelos ares, rápida como os aviões, saíam-lhe das potentes asas uns jactos de fumo rosado que, quando ela se detinha, paravam também à sua volta, como uma nuvem. Dentro dessa nuvem tudo era possível!

Verdade é que a ave se aproximou silenciosamente da menina que chorava e, com ela, a nuvem cor-de-rosa, que já tudo envolvia como uma poeira luminosa e quente. Foi então que se deu o encontro. A rapariga olhou e viu, admirada, junto de si, aquela ave tão linda, que também olhava para ela com o longo pescoço erguido.

A black and white illustration. In the foreground, a young girl with dark hair and a flower in it sits on the edge of a pond. She is wearing a light-colored dress and looking down. The pond is filled with lily pads and flowers. In the background, a large, ornate building with a central dome and many windows stands on a hill. The word "bibRIA" is written in a large, bold, sans-serif font across the middle of the image, partially overlapping the pond and the building.

bibRIA

Poderão olhos diferentes falar sem palavras?, perguntam ainda hoje os trovadores que cantam o encontro.

Nos olhos negros da ave viu-se gravar a imagem que antes a água do tanque reflectia. E era tão perfeita essa imagem que até podia ver-se, nos olhos da ave, os olhos da rapariga a secarem.

As pessoas de pouca ciência, que são as crescidas (que nestas coisas não sabem muito mais do que as crianças), contam que podemos, com um pequeno esforço, ver também a cena do encontro, pois é como se os jardins do palácio, a menina e a ave do paraíso tivessem ficado numa garrafa de tempo, daquelas garrafas que, com um navio à vela dentro, às vezes um velho marinheiro coloca em cima do armário.

Depois a ave ergueu voo em direcção ao norte e desapareceu, mas ficou ali a nuvem cor-de-rosa a envolver as árvores e as flores dos jardins, tudo quanto nela cabia. Sentia-se no ar o perfume tão bom das flores das laranjeiras, das glicínias, dos goivos, das rosas-de-alexandria.

Outra vez sozinha, Felisbela reconheceu o aroma forte das figueiras próximas, tão frescas, e foi procurá-las. Crescia o calor e ela queria provar alguns figos.

Depois de muitos comer, deitou-se num tapete de folhas, junto a um tronco.

Felisbela ouvia prevenir que não devemos deitar-nos à sombra de uma figueira porque, parece, isso faz mal à saúde. Um pobre vagabundo ficou pálido para sempre depois de lá dormir uma sesta. Uma outra pessoa sentiu-se tão leve que acordou feita água a correr do monte para o vale. Uma menina começou ali um sonho que nunca mais conseguiu acabar. E tantas outras peripécias.



bibRIA

Mas ela sentia uma aragem tão fresquinha e era tão verde o cheiro das folhas que se deixou escorregar pela ladeira da sonolência, tão suave, tão mole, e adormeceu.

A tarde aquecia e a menina, de barriga satisfeita, deixou de escutar o vento a correr pelas folhas das árvores, com pássaros e abelhas a voarem e a zumbirem em volta dos figos maduros, nas pontas dos ramos.

Diziam as pessoas mais idosas que ninguém devia deitar-se a dormir à sombra de figueiras, mas vejam o que aconteceu a Felisbela: depois de fechar os olhos e adormecer, sentiu um beijo nas pálpebras e, sem precisar de as abrir, viu pela primeira vez a fada sua madrinha. Pairava no ar como a nuvem cor-de-rosa e dizia-lhe ao ouvido: "Agora os teus olhos não vêem só para fora, também vêem para dentro. Assim terás alegria."

E era verdade. A menina maravilhou-se porque não imaginava que tivesse dentro de si, Felisbela nem muito feliz nem muito bela, uma tão grande fartura de coisas dignas de serem vistas.

Eram divertidas. Apareciam e desapareciam numa correnteza infinita. As cores misturavam-se com os sons, os sabores misturavam-se com os cheiros, tudo trazido por imagens que lhe corriam pelos olhos como se fossem o melhor filme do mundo, porque era a seu gosto e não tinha fim.

O dia transformou-se em noite e a noite era refúgio de veludo, carícia sem pressa. Quem podia não gostar de uma noite assim macia, espaço de perfumes intensos que as rosas de todos os jardins, sonhando, espalhavam pelo ar?

A noite era profunda como um olhar cheio de ternura e nem sequer lhe faltava o brilho de milhões de estrelas vivas, que luziam no céu e nele derramavam a luz de um luar esplêndido. Que bom ter aquele céu amplo nos olhos fechados!

Um grupo de fadas, abanando-se com leques e asas, divertiam-se dançando em torno de uma nuvem redondinha, mas logo paravam, a queixar-se de que já nem podiam respirar: com tanto aroma de rosas, o ar transformava-se em puro perfume!

Então, para se acalmarem as fadas, a nuvem tornou-se mesa de banquete. Brilharam as estrelas do céu na brancura dos pratos e na ponta dos garfos e nos dentes que as trincavam — pareceriam cerejas se não fossem tão luminosas. Bobos com barretes extravagantes enterrados nas cabeças e guizos nos pés faziam caretas e piruetas, saltavam por cima da mesa e remedavam os convidados, mastigando migalhas de pão em vez de estrelas brilhantes. Depois corriam a erguer as saias às velhas fadas, muito solenes, e escondiam-lhes as varinhas de condão, com o que as arrelhiavam mas eles muito se divertiam.

Prosseguia o banquete, assim animado, e eis cardumes de peixes a passar como se fossem pássaros, cantando em coro através de nuvens.

Nasceu então um arco-íris, hemisfério perfeito do tamanho de meio mundo, com faixas de todas as cores. E onde havia céu, apareceu mar, um mar de águas pintadas com as cores do arco-íris e navegadas pelo veleiro antes metido em seco na garrafa!

Era tudo tão belo que uma fila de sapos se pôs a cantar, cada um em cima da sua folha, como se estivessem, não na água, mas em pal-

cos de ópera. E Felisbela, ainda de pálpebras cerradas, viu uma ave do paraíso, solitária, a voar na linha luminosa do horizonte, batendo as potentes asas em direcção ao norte. Era seguida por um rasto de nuvem cor-de-rosa e Felisbela percebeu que a sua imagem de rapariga já sem lágrimas ia gravada nos olhos negros da ave. Tinha agora a certeza, do norte viria o que ela mais esperava no próximo ano!



HISTÓRIA DE TRIGO-MEL

Podem-se semear grãos de trigo num prato que se enche de água e se coloca na cozinha?

Inês pensa que sim e fazem o favor de não duvidar, como infelizmente duvidou toda a gente lá de casa, teimando que os grãos, para nascerem, devem ser semeados na terra.

Ela pediu à mãe e a mãe, contrariada, autorizou-a a semear dois grãos de trigo na água de um prato, que ficou em cima da mesa da cozinha. Depois teve de passar a água com a sementeira para outro prato sem uso e de o transferir, para não estorvar, para a varanda-marquise.

Agora, Inês não se esquece de ir todas as manhãs espreitar, muito curiosa, o "caco" (foi este o nome que a mãe lhe deu), antes de comer o pequeno almoço.

Uma vez encontrou o prato meio tombado e quase vazio. Sua mãe tinha-o entornado ao tocar-lhe com um pé quando de noite tirou roupas das cordas onde haviam estado a secar. E ela queria que os grãos estivessem sempre no prato cheio de água, não se sabe por que motivo — era o seu segredo.

Outra vez, o prato tinha desaparecido, empurrado para debaixo do tanque de lavar, e ela queria-o no sítio exacto do costume—ao canto—senão amuava.

Eu moro num andar de cima do mesmo prédio e, da minha janela, vejo o “caco” e a Inês, debruçada sobre ele, à espera de ver crescer um milagre.

Conheço a história daqueles dois grãozinhos, que daqui não distingo mas sei que lá estão, guardados como ovelhas afogadas por aquela pastora tão cuidadosa.

Ela tinha ido em passeio com a família e, numa paragem que fizeram, viu, caído em terra, um punhado de grãos. Apanhou alguns e mostrou-os ao pai:

—O que é isto?

Ele pegou num, rolou-o na ponta de dois dedos e disse:

—São grãos de trigo. Ou de cevada?... Não, são de trigo! Admira-me que as aves não os tenham papado.

Inês lembrou-se das espigas maduras das searas, no Verão, alegria das colheitas. Nessa altura, os grãos das espigas conservam aquele rabo longo e áspero, mas agora já o tinham perdido. Eram pequenas formas ovais perfeitas, com uma casca escura que saía facilmente quando moída nos dedos ou entre as palmas das mãos. Depois podíamos trincar o bago nos dentes, saboreando-o como pão esmigalhado.

Um único grão de trigo vale, para Inês, uma riqueza. Sabe, porque lhe explicaram, que o grão germina, criando raízes; transforma-se em planta alta e no seu caule forma-se a espiga com muitos outros bagos

de trigo. Portanto, aquele punhado de grãos perdidos no campo era, com certeza, uma fortuna colossal, que ela limpou cuidadosamente da terra e guardou num bolso. Acabou, no entanto, por perder quase tudo na viagem: só lhe restaram os dois bagos que semeou no prato.

Permaneciam eles quietos na água, dormindo a bom dormir dentro das cascas, debaixo da fina camada de poeira que já se ia formando na superfície. Inês, à espera de ver o que ia acontecer, não os largava.

A sua paciência foi recompensada: notou que os grãos inchavam, um mais que o outro, rodeando-se com um anel de bolor ou coisa parecida. Mas não acontecia mais nada, dia após dia, semana após semana, e ela resolveu colocar o prato sobre a parede de resguardo da varanda-marquise, para que o sol e o vento lhe chegassem com energia.

Foi então que duas pombas, a mudarem de beiral, passaram por ali; desceram em voo picado e, batendo as asas, levaram nos bicos os dois grãos de trigo.

Diante do "caco" limpo da sementeira, Inês ficou sem perceber se as pombas tinham levado para comer o que era seu, ou se sabiam mais de agricultura do que ela.

Da janela de minha casa, mais alta, eu pude ver que as pombas não comeram os grãos; levaram-nos, sim, para a Terra dos Gigantes, onde os enterraram com o bico num bocadinho de chão lavrado.

Na Terra dos Gigantes havia um que o não era. Tinha o aspecto igual ao dos outros, com uma desigualdade notável: em grande berraria, os outros diziam que eram Gigantes e gostavam de sê-lo. Este, sozinho, nem queria parecê-lo. De nada se orgulhava e, envergonhado com o

orgulho dos outros, procurava ser diverso. Por isso era bastante mais pequeno, parecia um Gigante Menino. Chamavam-lhe Gigante Diferente ou, quando se zangavam, o Pateta—e eles andavam sempre zangados.

Na Terra, os Gigantes impunham a sua lei—era a única coisa que sabiam fazer. Se queriam ir de um lado para o outro da floresta, derrubavam tudo quanto aparecia no caminho. Se queriam passar por uma porta ou uma ponte estreitas, destruíam-nas para as verem talhadas pelo verdadeiro tamanho deles.

Sentiam-se reis e senhores de tudo. Até achavam graça às destruições que faziam e só consideravam certo e bom aquilo que lhes interessava— mel, por exemplo.

Os Gigantes alimentavam-se de mel, que iam roubar às colmeias, mas detestavam as abelhas que o fabricavam. E quanto mais comiam mais queriam, para mais crescerem e mandarem.

Aos berros, ameaçavam que haviam de acabar com a maldita raça das “moscas”. Era este o nome que, por desprezo, davam às diligentes abelhas, que também não gostavam deles.

Quando os Gigantes passavam e arrasavam os seus enxames e colmeias, elas, furiosas, picavam-nos muitas vezes e era isto o que mais lhes desagradava: eles, Gigantes, serem castigados por “moscas”!

Do alto da minha janela, eu já ouvi dizer que os Gigantes ficavam gigantes não por causa do mel que comiam, antes por causa das ferroadas. Eram, precisamente, as picadas das abelhas que os faziam agigantar-se.

Quanto mais inchavam, mais se convenciam de que tinham direito a serem reis e senhores. Porém, o mel começou a faltar na Terra dos Gigantes porque já havia poucas abelhas.

O Gigante Diferente, chamado Pateta, era mesmo diferente. A ele nunca as abelhas picavam porque nunca ele as atacava, como faziam os Gigantes Iguais. Comia pouco mel e assim se compreendia porque era pequeno.

Um dia, os Gigantes Iguais organizaram-se e arrasaram os últimos enxames nas últimas colmeias e, durante três dias de festa, proclamaram ruidosa vitória. Mas a seguir desapareceram eles também, vencidos, ao acabar o mel de que se alimentavam.

Na Terra só ficou o Gigante chamado Pateta, agora sozinho, a ver desenvolver-se uma floresta densa em torno dos campos de trigo, dos quais, com trabalho, ele tirava o alimento. Começara a cultivar um bocado de chão onde, todos os anos, via poisarem duas pombas, e agora possuía uma seara extensa e admirável.

São gigantescas as árvores da floresta que crescem na antiga Terra dos Gigantes. E são também diferentes umas das outras, diz-se que em homenagem ao Gigante Pateta. Garantem até que não foi mais possível encontrar ali duas simples folhas exactamente iguais, ainda que pertençam à mesma árvore!

O SENHOR PLÁCIDO, MOLEIRO, E A SUA POMBA

O senhor Plácido todas as manhãs saía de casa a horas certas e não precisava de relógio. Com passo miudinho, ia para a azenha levando uma pomba no ombro. Era ela o seu despertador.

Sim, o senhor Plácido tinha uma pomba muito meiga e amiga. Comia na sua mão e poisava no seu ombro quando o velho saía para o trabalho porque o conhecia desde que nascera, logo ao sair do ovo.

A pomba gostava tanto dele que preferia não ficar em casa. Acompanhava-o até à azenha, junto do lago, e era ali que os dois passavam o dia.

Os habitantes da aldeia também não tinham relógios porque nenhuma falta lhes faziam. E contavam esta história: que a pomba do senhor Plácido erguia voo muito cedo, quando todos ainda estavam a dormir; furava a noite mais espessa até ao céu mais alto e depois regressava, trazendo nas suas brancas asas a luz da aurora que espalhava por toda a aldeia. Nascia então o novo dia.

Diziam eles que a pomba, no seu voo prodigioso, ia ao céu romper com o bico o manto da escuridão que envolvia a aldeia durante a noite e, com um pio triunfal, descerrava as janelas do sol, fazendo cintilar os cristais de luz.

O pio triunfal da pomba despertava o senhor Plácido e, com ele, toda a aldeia.



bibRIA

Os aldeões que o viam passar em direcção à azenha com a pomba no ombro saudavam neles o dia que estava a nascer, ao derramar-se a aurora pela encosta do monte. E os mais velhos contavam aos mais jovens que o senhor Plácido era o mais velho de todos.

Aquela pomba era a última de muitas outras pombas que ele tinha aprendido a criar em sua casa e que foi habituando a irem comer da sua mão e até a beber dos seus lábios.

O senhor Plácido era moleiro. Chegava à azenha ao princípio da manhã, ligava a conduta da água do lago para a roda da azenha e o seu moinho começava a funcionar.

O velho moleiro passava o dia a moer grão, que transformava na farinha necessária para fazer o pão da aldeia.

Não se sabia se era por causa da farinha se por causa da idade, ele tinha os cabelos cor de neve e ninguém chegara a conhecer-lhos de outra cor. O velho andava com os seus longos cabelos sempre tão enfarinhados que pareciam as brancas asas da sua pomba.

Voando de ramo em ramo em redor do lago, a linda ave espalhava a luz do dia pelas árvores, que ficavam com as folhas reluzentes.

Em casa do senhor Plácido apenas ficava a sua mulher, tecedeira.

Era tão velha como ele. Tinha por assim dizer a idade das pedras e das sementes que os aldeões lançavam todos os anos, no fim do Inverno, para a terra lavrada.

Não abria a boca quase nunca nem se ria a tecedeira, sempre sozinha a mover o seu tear, e tinha uma longa, longa cabeleira negra, luzidia como asa de corvo.



bibRIA

Os habitantes da aldeia gostavam de contar que a velha tecia os seus próprios cabelos e com eles tecia a noite porque eram cabelos encantados. Cresciam-lhe com tanta força que, por mais que ela os gastasse no tear, desciam-lhe sempre da cabeça até aos pés.

Com tamanha nascente de cabelos negros a inundá-la, a velha ia tecendo todos os dias um novo manto da noite, que ficava pronto exactamente ao fim de cada dia. Estendia-o então por cima da aldeia e a velha podia enfim descansar algumas horas.

Era muito pequenina a aldeia, mas também muito bonita, com o lago e a azenha no centro.

As rãs passavam o tempo nos charcos a rirem-se às gargalhadas, pulando entre os juncos e os lodos, perto das águas calmas onde se reflectia a imagem das árvores e se viam nadar peixes de lindas cores. Lembravam pássaros exóticos em gaiola de água.

Às vezes a pomba entrava, voando, pela porta aberta do moinho, ia poisar em montes de sacos e, virando a cabecinha para um lado e para o outro, ficava a observar com atenção os trabalhos do seu amigo, sempre ocupado em torno das mós. Depois abria as asas e ia-se embora tranquilamente, levando na boca um grão de milho.

Fora, alargava um pouco o voo e, numa volta perfeita, poisava no beiral da velha azenha, por cima da grande roda que espadanava água. O musgo crescia em redor ao lado de agriões muito viçosos.

Com os seus olhinhos redondos e brilhantes, contemplava o lago e o rio que o alimentava, vindo de longe, entre salgueiros, choupos e castanheiros do vale, e logo continuava a correr para algures, por extensões de pastos a crescerem para os rebanhos.

Contente, a pomba abria o leque do seu rabo e espreguiçava-se, esticando as asas no beiral do telhado, porque era já a hora da sesta.

A grande roda da azenha girava, girava em torno do seu eixo longo que movia o maquinismo e não parava de transformar o grão em farinha.

A azenha era um grande relógio a funcionar no centro da aldeia.

Marcava o tempo de cada dia.

Quando o senhor Plácido desligava por fim a conduta da água e a azenha se imobilizava, fazia-se a noite.

E ninguém na aldeia podia perceber se o dia acabava porque o velho moleiro queria ir descansar, levando a sua pomba no ombro, ou se era porque a azenha e tudo o mais adormecia sob o manto de negros cabelos estendido pela velha tecedeira.



ERA UMA VEZ UM MANDARIM

Era uma vez um mandarim que gostava de mandar e, como vivia na China há muitos anos, todos lhe obedeciam. Um dia uma doença atacou-o sem licença. A gemer e a tremer como um bolo de gelatina no prato, chamou o sábio-mor junto à sua cama e perguntou-lhe quanto tempo lhe restava para viver. O sábio-mor anunciou que o mandarim seu senhor ia viver enquanto durasse a corda do relógio que fazia tiquetaque perto da cama; quando o relógio parasse, morreria. Porquê? O pior da sua doença não era a idade; era ter no corpo, em vez de dois rins, apenas um — já estragado. Por isso tinha o título de mandarim e não de mandarins, como devia ser para durar mais.

Desgostoso, mandou vir um coro para que lhe cantasse o desgosto. E o coro cantou:

*"Bem amado mandarim
Aqui estamos a chorar.
Tua vida chega ao fim
É a nossa a começar!"*

O mandarim teve então uma ideia salvadora. Mandou abrir um buraco no chão do palácio, por debaixo do relógio, para estender o mais possível a sua corda. Queria que os pesos continuassem a descer para fazerem andar os ponteiros e lhe darem mais vida. O palácio encheu-se de

mineiros e de poeira, o buraco transformou-se num poço, depois no precipício mais fundo, mas o relógio nunca parou e o mandarim continuou a viver, contente com a sua esperteza.

Um dia, muito tempo depois, os mineiros chineses chegaram à outra face do Mundo, furando-o de lado a lado para deixarem cair os pesos do relógio esticados como fios de prumo. Ao serviço do mandarim, tinham-se afastado tanto dele que já nem sabiam se era o mesmo ou se era outro. Tinham, porém, inventado a síndrome da China.



AGULHA DE FADA

Num canto do céu, uma fada cose farrapos de nuvens brancas que andam pelo espaço azul. Com esses retalhos quer formar uma nuvem grande e negra para fazer sombra e acabar com o calor, fazer chover e acabar com a seca. A agulha escorrega dos dedos cansados da fada costureira, solta-se da linha que é um fio de lágrima, e cai.

Deve ser uma agulha de cristal, pois faísca no ar, e, vendo-a, um homem que lavra o campo no meio de uma nuvem de poeira grita aos outros que tinha visto um relâmpago no céu anunciar mudança de tempo, trovoada, enfim, chuva, frescura.

A agulha cai num ramo verde de pinheiro, num pinhal tranquilo. O ramo incha de vaidade:

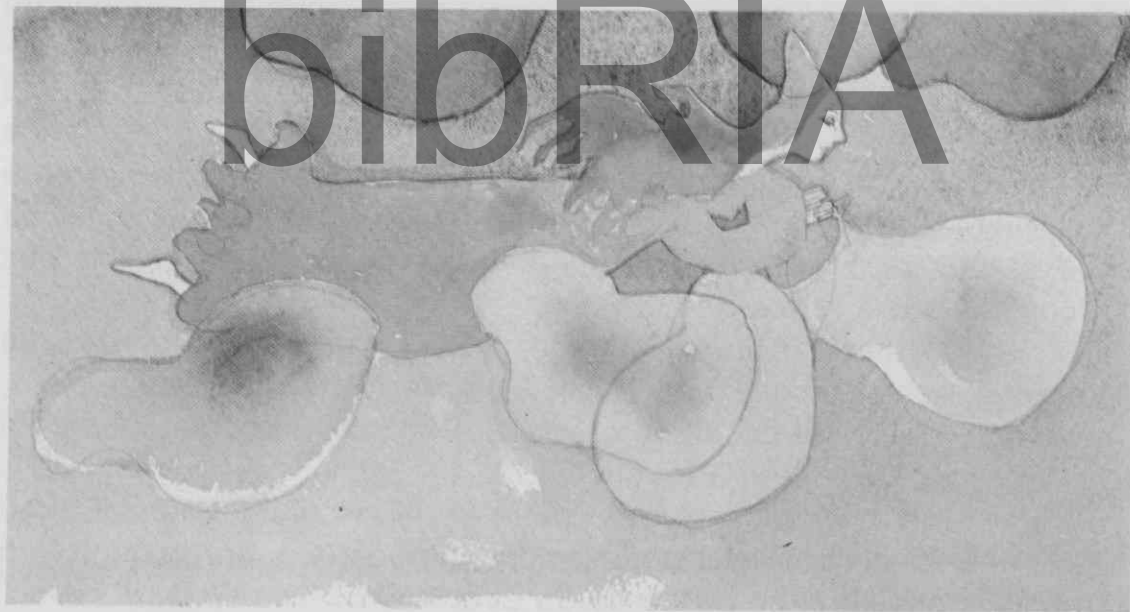
—Vêem-me a reluzir? Tenho o brilho do diamante!

Os pinheiros próximos, olhando-o de revés, notam que um pedaço brilha tão intensamente que já todo o pinheiro parece cintilar. Até lembra uma árvore de Natal.

—Agora não admito desconsiderações. Eu tenho caruma a faiscar, vocês têm agulhas verdes, está certo?—insiste o ramo vaidoso.

A agulha desprende-se e desaba sobre uma casa, o vento atira-a por uma janela aberta e ela cai sobre um velho disco que gira a 78 rotações por minuto. Ouve-se uma valsa, depois um tango, depois uma mazurca. Os discos sucedem-se e ouve-se um fado antigo. Tudo está a pedir chuva com mil bocas abertas!

Então, graças aos farrapos de nuvem cozidos em fio de lágrima de fada boa ou, também, à agulha perdida, faz-se tarde e começa a chover copiosamente...



UMA GOTA DE CHUVA

Uma gota de chuva nasceu do ventre negro de uma nuvem. Era grossa, transparente, bonita. Caiu com muitas outras que nasceram ao mesmo tempo e a gota, a descer dos ares, só pedia às companheiras: "Não me toquem! Deixem-me chegar inteira ao meu destino, lá em baixo!"

Um vento frio passou, arremessou as gotas umas contra as outras e misturou-as em grande confusão. Sentiu-se a gota diferente: era ainda ela, mas agora misturada com bocados de outras, que também tinham recebido bocados seus.

A gota continuou a cair dos ares. Passou um avião com os motores a rugir e ela entrou novamente em grande rodopio. Bailou como doida até que bateu numa das grandes asas, deslizou sobre o metal cinzento como lágrima a escorrer em cara triste, riscou o vidro de uma janela onde assomava o rosto de uma menina que observava a barriga das nuvens, e depois soltou-se.

Tornando a cair dos ares, a gota foi molhar a ponta do bico de uma pomba que seguia em voo alto, a fugir à chuva. Cortou-a o bico ao meio, mas logo a gota, continuando em queda, uniu as suas metades e foi cair sobre a folha de uma árvore.

A folha luzia, lavada por outras chuvas, e por isso a gota escorregou na sua pele macia e ficou a oscilar, dependurada no rebordo como um acrobata a equilibrar-se na corda do circo.

O Sol tornou a brilhar no céu, transformou a gota de chuva ainda a oscilar no rebordo da folha num luminoso diamante, tão maravilhoso que nele podia ver-se tudo: a nuvem-mãe que já ia longe, a cara da menina à janela do avião, a pomba a voar, o Sol, a própria folha da árvore em ampliação, como se estivesse por detrás de uma lente.

Por fim, a gota soltou-se do seu baloiço e caiu em terra, que se humedeceu, agradecida. Ao calor do dia, em breve a gota ia renascer na forma de muitas gotas pequeninas de nevoeiros tão leves que subiriam pelos ares para regressarem ao ventre aconchegado da mãe-nuvem, tão bom...



SOFIA E A POMBA

Sofia abre um livro e o livro torna-se caixinha de surpresas. Uma pomba branca, poisada a meio da página, enche-lhe os seus grandes olhos. Será uma pomba de verdade, assim impressa a cores, de asas estendidas e pronta a levantar voo?

A ave, de cabecinha imóvel, estende o bico para diante e observa Sofia com atenção. Vai dar-lhe um beijo? Já lho deu? De repente bate as asas, levanta as patinhas cor-de-rosa de cima do papel e aí vai ela pelos ares, partindo em busca de ar livre.

Sofia tem uma pomba viva dentro de um livro que guarda na estante, e quem o sabe? Agora ela já voa ao longe por cima de um areal, onde o bico penteia os fios de ouro da cabeleira do Sol e com eles tece no ar um manto de luz mais radioso para alegrar o novo dia.

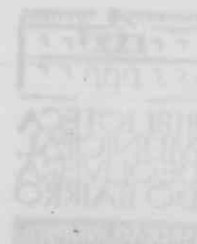
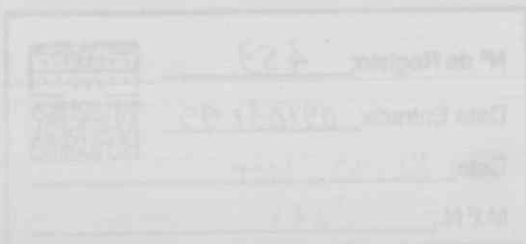
Cintila o manto sobre o mar azul e cardumes de peixes de prata são atraídos à tona da água, onde ficam, encantados, a cantar. Passa a rede de uma traineira e leva-os em monte aos pescadores, que no barco em cantoria não cantam menos que os peixes.

Depois irrompem da luz milhares de pombas brancas (é luz feita de pombas ou são pombas feitas de luz?) e as asas, em camada estendida

no areal seco, palpitam como espumas de onda batida, cardume de peixes prateados ou penas a tremerem ao vento.

Ao fim da tarde voam todas para o pombal, que se vê à beira de uma casa com gente lá dentro a mexer, salas, quartos e corredores iluminados. E essa casa vivente é o livro aberto de Sofia, caixinha de surpresas.

bibRIA



COLEÇÃO ASA JUVENIL

1	O SENHOR VENTO E A MENINA CHUVA Virginia Motta/Lisa Couwenbergh	27	O LUXO DA GATA MAFALDA Garcia Barreto/Paula Oliveira
2	O CÃO, O GATO E A ÁRVORE Leonel Neves/Luís Brandão	28	HISTÓRIA DA ÉGUA BRANCA Eugénio de Andrade/Manuela Bacelar
3	O MANEQUIM E O ROUXINOL António Torrado/João Machado	29	A VASSOURA MÁGICA Luís Ducla Soares/Paula Oliveira
4	COMO SE FAZ COR-DE-LARANJA António Torrado/João Machado	30	ANA-ANA Ilse Losa/Manuela Bacelar
5	A CAIXA Sérgio Godinho/«Zíngaro»	31	O REINO PERDIDO Álvaro Magalhães/Manuela Bacelar
6	A NUVEM E O CARACOL António Torrado/Lisa Couwenbergh	32	AQUELA NUVEM E OUTRAS Eugénio de Andrade/Júlio Resende
7	A ABELHA ZULMIRA Teresa Balté/Maria Keil	33	A MENINA GOTINHA DE ÁGUA Papiniano Carlos/João Nunes
8	UM FIDALGO DE PERNAS CURTAS Ilse Losa/João Machado	34	CONTOS DO TAPETE VOADOR José Jorge Letria/Rui Truta
9	A ALDEIA DAS FLORES António Mota/Luís Brandão	35	ORA OUVI... Ilse Losa/Manuela Bacelar
10	O OURIÇO-CACHEIRO ESPREITOU 3 VEZES Maria Alberta Menéres/António Modesto	36	CONTOS AMARANTINOS Agustina Bessa Luís/Manuela Bacelar
11	O MEIO GALO Luís Ducla Soares/João Machado	37	A RODA QUE SAIU DOS EIXOS Arsénio Mota/Luís Brandão
12	JOÃO E GUIDA Ilse Losa/Luís Brandão	38	A GAIVOTA DO MAR Maria Maya/Paula Oliveira
13	ESTRELINHA, O GATO ASTRONAUTA Madalena Gomes/João Machado	39	O HOMEM QUE NÃO QUERIA SONHAR E OUTRAS HISTÓRIAS Álvaro Magalhães/António Modesto
14	QUEM PODE PARAR O VENTO? Manuel Ferreira/Luís Brandão	40	A SEMANA DOS NOVE DIAS Vergílio Alberto Vieira/Crisóstomo Alberto
15	BEATRIZ E O PLÁTANO Ilse Losa/Lisa Couwenbergh	41	O ARQUITECTO CHINÊS João Paulo Seara Cardoso/Manuela Bacelar
16	NA QUINTA DAS CEREJEIRAS Ilse Losa/João Machado	42	MARCELLA, UMA AMIGA QUE VEIO DE LONGE Daniel Marques Ferreira/Crisóstomo Alberto
17	A FLOR AZUL Ilse Losa/Lisa Couwenbergh	43	FAÍSCA CONTA A SUA HISTÓRIA Ilse Losa/Horácio
18	O MENINO CHAMADO MENINO Álvaro Magalhães/Manuela Bacelar	44	DO TAMANHO DO CORAÇÃO Pedro Veludo/Luís Brandão
19	OS MEUS AMIGOS António Torrado/Raúl Ramalho	45	O DISCO VOADOR Luís Ducla Soares/Paulo Bastos
20	VIAGEM COM WISH Ilse Losa/João Machado	46	UMA HISTÓRIA EM QUADRADINHOS António Torrado/Maria Alberta Menéres/Rui Truta
21	AVENTURAS DA ENGRÁCIA Maria Alberta Menéres/Marcello Urgeghe	47	AS COISAS João Miguel Figueiredo Silva/Fátima Rolo Duarte
22	A MINHA MELHOR HISTÓRIA Ilse Losa/Luís Brandão	48	OS TRÊS PRESENTES Álvaro Magalhães/Paula Oliveira
23	O ELEFANTE NÃO ENTRA NA JOGADA António Torrado/Zé Paulo	49	A NUVEM COR-DE-ROSA Arsénio Mota/Júlio Resende
24	O QUADRO ROUBADO Ilse Losa/João Nunes	50	UM ARTISTA CHAMADO DUQUE Ilse Losa/Manuela Bacelar
25	HISTÓRIAS PEQUENAS DE BICHOS PEQUENOS Álvaro Magalhães/João Machado	51	UMA BRUXA NA FLORESTA DE PEDRA Alexandre Honrado/Rui Truta
26	JOÃO AR-PURO NO PAÍS DO FUMO José Jorge Letria/Paula Oliveira	52	A SEMENTE MÁGICA Daniel Marques Ferreira/Crisóstomo Alberto

bibRIA

ÍNDICE

A Nuvem Cor-de-rosa
82-93 MOT e.2

000453



O HOMEM DOS BALÕES, 7
O MEL DO CORAÇÃO, 10
A NUVEM COR-DE-ROSA, 17
HISTÓRIA DE TRIGO-MEL, 25
O SENHOR PLÁCIDO, MOLEIRO, E A SUA POMBA, 30
ERA UMA VEZ UM MANDARIM, 36
AGULHA DE FADA, 38
UMA GOTA DE CHUVA, 40
SOFIA E A POMBA, 42



Nº de Registo: 453

Data Entrada: 09/03/99

Cota: 82-93 MOT

M.F.N.: 1261



bibRIA

Depósito Legal Nº 40 436/90

© Copyright Edições ASA, 1989

1991/2ª Edição

Execução Gráfica

EDIÇÕES ASA – Divisão Gráfica
Rio Tinto/Portugal
